

PROJETO CAT NO MARACUJÁ E O ENSINO DA MATEMÁTICA: as ações da professora Rita

Dáfne Silva dos Santos¹

Eliene Barbosa Lima²

Neste texto, fazemos uma breve apresentação do Projeto CAT (Conhecer, Analisar e Transformar), de forma a possibilitar compreender, na continuidade do desenvolvimento desta investigação, como ocorreu o ensino de matemática na Comunidade Maracujá a partir de sua vigência. Trata-se de uma discussão que integra um trabalho de Iniciação Científica intitulado *O Quilombo Maracujá: trajetória de uma mulher negra e professora leiga que ensinava matemática*. Seu desenvolvimento está vinculado ao projeto de pesquisa *Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980*.

O nosso olhar se volta para esta temática, porque os ditos grandes acontecimentos sempre atraíram o protagonismo em uma historiografia tradicional, de caráter universal, denominada dos vencedores, construída sob o ponto de vista daqueles que detinham o poder político e social.

Saindo do grande, do conhecido, do nomeado, direcionamos a nossa atenção para uma história vista de baixo (Thompson, 2002) que visibiliza personagens ‘comuns’ que foram excluídos do epicentro de sua própria história. E é Conceição do Coité, a Rainha do Sisal, cidade do interior da Bahia, que dista 210 km de Salvador, que se faz palco da história que será aqui destrinchada, em particular, o Quilombo Maracujá.

Os primeiros habitantes dessa região foram o povo indígena chamado de Tocós. Viveram na localidade até meados de 1656, quando o primeiro contato com os portugueses

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9523-7450>. E-mail: dafnesilva05@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4053318865452644>

² Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6928-5217>. E-mail: eblima@uefs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8159944355847853>

aconteceu. Um encontro brutal se desenrolou, restando aos indígenas sobreviventes a escolha entre se subordinar aos portugueses ou fugir (Barreto, 2007).

A partir daí, o processo de povoação se estendeu. A cidade, como maioria das cidades brasileiras da época, era marcada pela presença de indivíduos escravizados. Dentre eles, uma figura se destacou.

Bem perto da Salgadália
Nasceu uma criancinha
Filha de uma velha escrava
Que nome também não tinha
Foi no século dezenove
No ano quarenta e nove
Puseram o nome Martinha (Barreto, 2004, p.12)

Martinha conheceu seu senhor Manoel Cedraz de Oliveira ainda jovem. Indo contra os preconceitos da época, em 1870, ela recebia sua liberdade e, em 1889, casou-se com ele. Nas terras dadas pelo seu esposo, Martinha trabalhou durante sete anos para comprar a liberdade de seus irmãos. Segundo alguns relatos transmitidos de geração a geração, essas terras podem ser a hoje reconhecida Comunidade Quilombola do Maracujá.

Ao visitar essa comunidade e sua escola, encontrei a professora Marivania Silva dos Santos, filha da professora Maria Rita Marcelina Silva, que foi uma importante professora leiga, preta e líder da comunidade (Santos; Lima, 2023).

Maria Rita liderou e inspirou os moradores do Maracujá. Foi ela quem buscou a legitimação da comunidade enquanto comunidade quilombola, o que veio a acontecer em 2014, 16 anos após o seu falecimento. A partir de diversas visitas, buscando mais elementos sobre a Comunidade, uma nova personalidade surge: a professora Eliene Souza Dantas, que nasceu e viveu grande parte da sua vida na zona rural. Nascida e crescida no povoado de Matinha, próximo ao Maracujá, ela estudou em diversas localidades, formando-se no ensino médio em Conceição do Coité. Posteriormente, em 1986, ela começou a lecionar na comunidade do Maracujá, permanecendo nesta localidade por 33 anos. Eliene Dantas conheceu e trabalhou com a professora Rita no Maracujá. Juntas, lecionaram, uma dando suporte à outra. Nesse período, elas vivenciaram os processos e mudanças realizados na Comunidade, que passou a ter visibilidade em suas questões a partir da luta de Maria Rita. Na própria síntese de Eliene Dantas (2024a, p.3)

Tinha esse que eu te falei do CAT [Conhecer, Analisar e Transformar], tinha o PA, tinha o PROFA, tinha vários projetos. E assim, todos eram projetos bons e que incentivaram muito a leitura, a escrita, em todas as áreas era bom.

A Professora Rita lutou pelos direitos da comunidade e buscou melhorias como a instalação de energia elétrica e água encanada. Ensinou-se de criança a adulto e, somente na comunidade do Maracujá, essa docente lecionou 25 anos. Na fase final de seu exercício docente e anos após sua passagem na escola, muitos projetos começaram a ser aplicados na localidade.

CONHECER, ANALISAR E TRANSFORMAR - CAT

O Movimento de Organização Comunitária (MOC) nasce em 1967, pensando em

[...] contribuir para o desenvolvimento integral, participativo e ecologicamente sustentável da sociedade humana, através de capacitação, assessoria educativa, incentivo e apoio a projetos referenciais, buscando o fortalecimento da cidadania, a melhoria da qualidade de vida e a erradicação da exclusão social (Silva, 2015, p.13).

O MOC possui uma gama de programas com diversos objetivos, tais como: o Programa da Água e Segurança Alimentar, voltado à capacitação da comunidade para o gerenciamento de recursos hídricos, Programa de Gênero, voltado para lideranças de organizações de mulheres, monitoramento de subprogramas do MOC, e Educação do Campo, onde o CAT se encaixa.

O MOC atua em diferentes localidades da região sisaleira do estado da Bahia, como Araci, Barrocas, Serrinha e Valente no Território do Sisal, Capim Grosso no Território Piemonte da Diamantina e Pintadas e Riachão do Jacuípe, no Território da Bacia do Jacuípe. Esses também são os territórios de atuação do CAT.

Iniciado no ano de 1994, o projeto CAT tem suas ideias fundamentadas na prática e teoria da educação popular. Com o apoio da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e do *Institut zur Cooperation bei Entwicklungsprojekten* (ICEP), a educação contextualizada foi visada tanto como metodologia educacional quanto como uma articulação política com a Educação do Campo, formado por uma pluralidade de sujeitos. Conforme Caldart (2002, p. 21) “São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas,

pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóia-fria, e outros grupos mais”. Dessa forma, para esta autora (2002, p. 19) “A perspectiva da educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino.” Ideias que convergem com a perspectiva da professora Eliene Dantas, quando afirma que:

O desenvolvimento da educação no campo é muito relevante para todos que vivem no local (e até mesmo para os que já moraram na comunidade). Por ser um avanço para todos os envolvidos, faz com que os alunos se sintam mais seguros para desenvolverem ou demonstrarem seus talentos e conhecimentos mediante a orientação do professor. (Dantas, 2024b, p.1)

Por este prisma, o projeto CAT parte da ideia de que os conhecimentos podem ser estabelecidos por meio das vivências dos estudantes e da significação dos conteúdos, a partir da relação com a realidade de cada indivíduo. Em outros termos, pelo CAT se estabeleceu um diálogo entre os diferentes saberes, de diferentes sujeitos. Levando assim a construção do pensamento crítico e ao estabelecimento de engajamento social, voltado para as problemáticas da realidade e para as questões sociais em que cada pessoa está inserida. É nessa perspectiva que o conhecimento pode ser construído, isto é, fazendo uso da contextualização e do cotidiano, fugindo de ideias engessadas que limitam a estruturação dos conteúdos e dos saberes, inclusive no ensino da matemática. Nas palavras de Dantas (2024a, p.2)

[...] e o projeto CAT ele trabalha muito com o que tem na comunidade. Com histórias, com desenhos. Por exemplo, se você vai trabalhar com a matemática você pode sempre estar envolvendo o que tem na comunidade. A semente, o que você possa trabalhar que envolva a matemática (Dantas, 2024a).

O CAT atua de forma geral na escola, em particular, no ensino de matemática, objetivando dar significado aos conteúdos matemáticos, utilizando elementos da realidade e do cotidiano dos estudantes.

METODOLOGIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

A metodologia do CAT é apoiada nos ideais de Paulo Freire e é desenvolvida com base em “Conhecer, Analisar e Transformar”. Partindo da realidade e do entorno dos estudantes, essa metodologia, conforme já mencionado anteriormente, visa gerar reflexões e conexões pautadas na comunidade, suas organizações sociais e como os estudantes podem intervir nessa realidade.

A partir do instrumento denominado Ficha Pedagógica os quatro pilares do CAT são trabalhados. Eles são: o Conhecer – aplicado através da análise da realidade como impulsionador da pesquisa a ser desenvolvida; o Analisar – os conhecimentos e saberes adquiridos são socializados, apresentados e confrontados; o Transformar – que busca meios de intervir na realidade atual de acordo com o que foi apresentado e a Avaliação, que busca avaliar o trabalho desenvolvido (Silva, 2015).

Seu desenvolvimento, inclusive em relação ao ensino de matemática, ocorre a partir de uma problemática selecionada para ser pesquisada, articulada em uma Ficha Pedagógica que, produzida a cada bimestre, busca analisar e inserir conteúdos curriculares a partir da realidade e do contexto dos estudantes e de um tema gerador. A Ficha pedagógica é construída de forma coletiva, em um trabalho realizado entre educadores e estudantes. Estabelecido um tema gerador, são realizadas pesquisas baseadas em elementos dessa realidade, depois, apresentam-se e sistematizam-se as informações recolhidas. Após esse momento de análise, começam a ser levantadas soluções para os problemas, visando transformar a realidade. E, por fim, os alunos passam pelo processo de autoanálise, não só o desempenho dos estudantes, mas também os resultados sociais da problemática pesquisada.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O CAT é apenas um dos inúmeros projetos desenvolvidos na comunidade do Maracujá desde 1994, um ano antes da aposentadoria da Professora Rita. Muito ainda pode-se ser estudado acerca das atividades realizadas e dos métodos utilizados, em relação ao ensino de matemática não apenas em torno do CAT – uma das muitas conquistas provenientes da luta da professora Rita –, mas principalmente pela prática dessa docente no período de 1970 a 1995. No entanto, apesar de inúmeros esforços, até o presente momento, tem-se uma grande dificuldade em localizar arquivos, livros e atividades que vigoraram no

período demarcado pela pesquisa de Iniciação Científica, o qual corresponde aos anos de atuação da professora Maria Rita na comunidade do Maracujá.

Trata-se de uma realidade que reflete, infelizmente, a cultura de um País que parece ainda pouco valorizar a importância da preservação de sua própria história.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de bolsa de iniciação científica aprovada em Edital PPPG-IC/UEFS n° 01/2023 e, ainda, com o apoio do Programa Interno de Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação (FINAPESQ) vinculado ao projeto de pesquisa Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980.

REFERÊNCIAS

BARRETO, O. M. **Martinha**: Escrava, esposa e rainha. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2004.

BARRETO, O. M. **Conceição do Coité**: Da colonização à emancipação: 1730-1890. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2007.

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.) **Educação do campo**: identidades e políticas públicas. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por Uma Educação do Campo, n. 4). Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/educacao-do-campo-identidade-e-politicas-publicas.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

DANTAS, E.S. **Entrevista concedida à Dáfne Silva dos Santos**. Conceição do Coité, 23 de fevereiro, 2024a.

DANTAS, E.S. **Relato concedido à Dáfne Silva dos Santos**. Conceição do Coité, 22 de março, 2024b.

SANTOS, D. S.; LIMA, E. B. PROFESSORA RITA E O MARACUJÁ: Uma Dandara no ensino da matemática. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO INTERNACIONAL ARQUIVOS PESSOAIS & EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 21., 2023, Santos-SP. **Anais [...]**. Santos-



SP: GHEMAT-Brasil, 2023. p. 1–11, 2023. Disponível em: <https://anais.ghemat-brasil.com.br/index.php/STI/article/view/207>. Acesso em: 09 set. 2023

SILVA, M.S. **Sementes de Educação contextualizada:** Resultados e caminhos encontrados na pesquisa do projeto CAT MOC/ICEP/UFCG. Feira de Santana: Editora Curviana, 2015.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa:** a árvore da liberdade. 4. ed. RJ: Paz e Terra, 2002.

Palavras-chave: Quilombo; Projeto; Ensino.